

“Deixe estar que eu vou botar vocês todos no meu livro”

Deixo-me levar pelas palavras, este momento é um mantra que se repete em meu ser. Sou eu, comigo mesmo e aqueles todos que tocaram o meu existir. A injustiça que me chega pode não ferir a minha pele, mas os gritos daqueles que sofrem não me deixam viver em plenitude. Afinal de contas, onde o sofrimento transborda e a fome vence, a vida perece. Esbarro nas complexidades e concretudes da miséria humana, nos versos não escritos, nos livros que não foram lidos e nas vozes tantas vezes silenciadas. Penso nas Marias, nas Carolinas, nas Conceições. Penso nas que já vieram e nas que virão. Penso na solidão da noite que maltrata os corpos dos invisíveis, dos desvalidos e dos invalidados. Só que pensar não é o suficiente, pensar não mata a fome. Pensar não cria vida. E é aí que o meu livro se perde na estante do tempo, empoeirado e escondido. A vida não se completa, a vida não se basta. E na ausência do silêncio que tanto perturba o meu sono, as escritoras que li ensinaram-me coisas valiosas demais para serem apagadas pelo racismo dos cânones, pela pobreza humana e pelas virtudes dos poderosos. Sim, o que me tocou de verdade foi a coragem das lutadoras, que nas sombras do mundo, gritaram mais alto que as suas próprias dores. E talvez eu não deva botar no meu livro os portadores dos diplomas do poder, vou botar somente aquelas que perderam. Aquelas que, mesmo perdendo, souberam ensinar a voar.

Marcelo Nery Simões Martins

